



Nonada: Letras em Revista

E-ISSN: 2176-9893

nonada@uniritter.edu.br

Laureate International Universities

Brasil

Bertussi, Lisana Teresinha

Federico García Lorca: da região para o mundo, num percurso alegórico da busca do universo subjetivo

Nonada: Letras em Revista, vol. 2, núm. 17, octubre, 2011, pp. 157-169

Laureate International Universities

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451675010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Federico García Lorca: da região para o mundo, num percurso alegórico da busca do universo subjetivo

Federico García Lorca: from the region to the world in an allegorical trip in search of a subjective universe

Lisana Teresinha Bertussi

RESUMO

Leitura da poesia de Federico García Lorca, rastreando sua relação com as regiões espanholas, principalmente a Andaluzia, terra natal do poeta, em que a relação telúrica com a natureza é forte e a inserção no mundo moderno, com a viagem à Nova York, grande metrópole, alvo de sua repulsa pelo consumismo capitalista e pela opressão e miséria da multidão, percurso sempre permeado por um mergulho na subjetividade. O texto, ainda, porta a intenção de mostrar que a referência à região pode não ter objetivo de fazer uma apologia, mas ser uma forma de atingir a universalidade.

PALAVRAS-CHAVE

Poesia; regionalismo; alegoria.

ABSTRACT

A reading of Federico García Lorca's poetry by tracking down his relationship with Spanish regions, especially Andalucia, Lorca's birth place, where the telluric relationship with nature is strong, as well as his insertion into modern world with his trip to New York, the big metropole, target of his loathing of capitalist consumerism, oppression and poverty of the crowd, a path that was always permeated by a plunge into objectivity. Moreover, the text has intention of showing that the reference to the region may not have the objective of making an aplogia of it, but being a way of achieving universality.

KEY WORDS

Poetry; regionalism; allegory.

Federico García Lorca de *Livro de poemas* (1921)¹, passando por *Poema do “cante jondo”* (1921), *Primeiras canções* (1922), *Canções* (1921 a 1924), *Romanceiro gitano* (1924-1927), *Poeta em Nova York* (1929-1930), *Prato por Ignacio Sánchez Mejías* (1935), *Seis poemas galegos* (1935), *Divã do Tamarit* (1936), *Poemas esparsos* a *Cantares populares* (1936) fez um percurso poético, que vamos tentar reler, rastreando sua relação com as regiões espanholas, principalmente sua terra natal, a Andaluzia, com seus ciganos dançantes, melancólicos e sua visita à Nova York, que é sua inserção na urbanidade, pois essa cidade pode ser tida como protótipo da grande metrópole, com sua multidão, sua opressão e miséria, para chegar ao seu enfático universo subjetivo.

A Espanha está muito presente na poesia lorquiana, através da poetização da paisagem, da natureza regional, referida ou pelos tipos, como é o caso da Andaluzia com os gitanos, ou pela produção agrícola como as laranjas, oliveiras, trigo e os limões. Granada, Córdoba, Sevilha também são espaços referidos. Mas, como se disse acima, o poeta viaja e Nova York - que dá título ao livro de poemas *O poeta em Nova York* - Viena, Havana e Gibraltar são também visitados, dando uma dimensão de amplitude de mundo, ainda que de seu percurso faça parte sempre o espaço da subjetividade.

Em “Encontros de um caracol aventureiro” (LP15), a contemplação simples e pura da natureza é tema do poema, pois “o caracol, pacífico/ burguês da vereda,/ ignorado e humilde,/ a paisagem contempla/ A divina quietude/ da Natureza”.

No poema “Madrigal de verão” (LP61), temos vários elementos que remetem metonimicamente à região: a “gitana”, o “olival”, o “mel”, o “trigo” e os adjetivos “campesina” e “andaluz”. Observe-se:

Junta tua boca vermelha com a minha
Ó estrela gitana!
Sob o ouro solar do meio-dia morderei a maçã.

No verde olival da colina
há uma torre moura,
da cor de tua carne campesina

¹ Os livros de poemas serão referidos pelas seguintes siglas: (LP) *Livro de poemas*, (PCJ) *Poema do “cante jondo”*, (PC) *Primeiras canções*, (CA) *Canções*, (RG) *Romanceiro Gitano*, (PNY) *Poeta em Nova York*, (PISM) *Prato por Ignacio Sanches Majías*, (SPG) *Seis poemas galegos*, (DT) *Divã do Tamarit*, (PE) *Poemas esparsos*, (CP) *Cantares populares*.

que sabe a mel e aurora.
[...]

Danaide do prazer és comigo.
Feminino Silvano.
Cheiram teus beijos como cheira o trigo
Resseco de verão.
[...]

Pinta com tua boca ensangüentada
um céu do amor,
num fundo de carne roxa
estrela da dor.

Meu pégaso andaluz está cativo
de teus olhos abertos;
voará desolado e pensativo
quando os vir mortos.
[...]

Interessante observar que a região não está aqui, para ser elogiada, mas para ser cenário de um amor sofrido, provavelmente homossexual, o que faz o texto não ser apenas regionalista, mas atingir um patamar de universalidade.

No poema “Manancial” (LP151), tem-se a relação forte do homem com a paisagem, um telurismo contundente, que faz até com que o emissor meta-se na pele de uma árvore que diz “inclinei minhas ramagens para o céu”. Veja-se:

[...]
Não poderão compreender minhas doces folhas
o segredo da água?
Chegarão minhas raízes aos reinos
onde nasce e se coagula?
Inclinei minhas ramagens para o céu
que as ondas copiavam,
molhei as folhas no cristalino
diamante azul que canta,
e senti borbotar os mananciais,
escutando-os como se fossem humanos.
Era o mesmo fluir cheio de música
E de ciência ignorada.
[...]

O emissor ainda “molh[a] as folhas no cristalino/ diamante azul que canta/ E sent[e] borbotar os mananciais/ escutando-os como se fossem humanos”, demonstrando que a ligação telúrica é muito forte. É o que se percebe também, em “Invocação do loureiro” (LP159), em que também é poetizada essa estreita relação com a natureza, em que o eu lírico se integra e projeta. Observe-se:

[...]
Aprendi segredos de melancolia,
ditos por ciprestes, urtigas, heras;
soube do sonho por boca do nardo,
cantei com lírios canções serenas.

No bosque antigo, cheio de negrura,
todos me mostraram suas almas como eram:
o pinheiral, ébrio de aroma e som;
as oliveiras velhas carregadas de ciência;
os álamos mortos, ninheiros de formigas;
o musgo, nevado de brancas violetas.
[...]

Aqui o emissor “aprend[e] segredos de melancolia,/ ditos por ciprestes, urtigas, heras;/ sab[e] do sonho por boca do nardo” e “cant[a] com lírios canções serenas”, numa relação de integração e diálogo com o meio natural. Mas é sua “melancolia”, esse sentimento forte entre os modernos, nomeado por Friedrich (1978)² de “idealidade vazia” que ele finge aprender com a paisagem fazendo o movimento inverso de projeção de seus sentimentos na natureza.

² Friedrich é um dos mais eminentes teóricos da poesia lírica moderna.

Em “Palimpsestos” (PC257), temos a insólita junção do “bosque” com a “cidade”, motivo do texto, que, aliás, é muito hermético, ambíguo, difícil de ser decifrado, pois as imagens são ilógicas como é típico do surrealismo. Veja-se:

I
Cidade
O bosque centenário
penetra na cidade,
mas o bosque está dentro
do mar.
Há flechas no ar

e guerreiros que vão
perdidos entre ramos
de coral.

Sobre as casas novas
move-se o azinhal
e o céu tem enormes
curvas de cristal.

Esse “bosque centenário [que] / que penetra a cidade” e está, ao mesmo tempo, “dentro/ do mar” é um símbolo obscuro. Esses “guerreiros” “perdidos entre ramos de coral” são metáforas quase intraduzíveis.

Em “Cançãozinha sevilhana” (C285), é o laranjal que indicia o recorte regional. Observe-se:

AMANHECIA
no laranjal.
Abelhinhas de ouro
buscavam o mel.

Onde estará o mel?

Está na flor azul,
Isabel.
Na flor
daquele alecrim.

(Selim de ouro
para o mouro.
Sela de europel
para sua mulher.)

Amanhecia no laranjal.

Nesse poema, o emissor parece brincar com a imagem do “laranjal” pela manhã, “as abelhas”, a “flor” e as sugestões livres de associações que ele pode fazer até com um “selim de ouro/ para o mouro” a “sela de europel/ para sua mulher”.

Em “Tarde” (C295), em que a prioridade é poetizar a paisagem com seus “álamos”, “rãs”, o “rio”, a “árvore”, é Granada referida, só, metonimicamente, pela lembrança da “moreninha”. Veja-se:

*(Estava a minha Lucia
com os pés no arroio)*

Três álamos imensos
e uma estrela.

O silêncio mordido
pelas rãs se assemelha
a uma gaze pintada
com pintinhas verdes.

No rio,
uma árvore seca
floresceu em círculos
concêntricos.

E sonhei sobre as águas
Com a moreninha de Granada.

Em “Canção de ginete” (C295), é Córdoba a referência. Porém, provavelmente o texto é uma alegoria das buscas do eu lírico, suas frustrações e solidão e perspectiva de morte. Portanto, a região aqui é mero suporte para os sentimentos niilistas trágicos do emissor que reiteradamente expressa seus “ai[s] diante da impossibilidade, expressão da dor Observe-se:

CÓRDOBA.
Distante e só.

Égua negra, lua grande,
e azeitonas em seu alforje.
Embora saiba dos caminhos
eu nunca chegarei à Córdoba.

Pela planície, pelo vento,
égua negra, lua vermelha.
A morte está me olhando
lá das torres de Córdoba

Ai, que caminho tão longo!
Ai, minha égua valorosa!
Ai, que morte me espera
Antes de chegar à Córdoba.

Córdoba
Distante e só.

Em *Seis poemas galegos*, a Galícia é referência forte. No poema “Rô-maria de nossa Senhora da barca” (PG525), ela aparece explicitamente:

[...]
Pela testa de Galícia
já vem suspirando a aurora
a virgem olha para o mar
da porta da sua casa.
[...]

Em “Dança da lua em Santiago” (SPG), esse novo espaço é referido. Em “Ode a Salvador Dali” (PE623), é a Catalunha a região referida. Observe-se: “[...] Sinais datilografados de sangue sobre ouro/ risquem o coração da Catalunha eterna./ Estrelas como pombos sem falcão te relumbram,/ enquanto tua pintura e tua vida florescem”. Em “Epitáfio para Isaac Albéñez” (PE645), espaços regionais como Cádiz e Granada, cidades espanholas, são citados, mas muito mais para homenagear um amigo morto do que para referir a região em si mesma. Observe-se:

Esta pedra que vemos levantada
sobre relvas de morte e barro escuro
guarda lira de sombra, sal maduro,
urna de canto só e derramada.

Desde o sal de Cádiz e Granada,
Que erige em água seu perpétuo muro,
Em cavalo andaluz de acento duro
Tua sombra geme pela luz dourada.
[...]

Em “Canto noturno dos marinheiros andaluzes” (PE651), o poeta passeia por várias regiões espanholas, mas, na verdade, o foco são os seus sentimentos de tristeza, pois “o mar [o] conhece pelos suspiros”, “o limoal [o] conhece pelos suspiros”, de amor, de perda, de frustração? Não fica claro para o leitor. Observe-se:

De Cádiz a Gibraltar
que bom caminhozinho!
O mar conhece meu passo
pelos suspiros.

Ai, menina, menina
quanto barco no porto de Málaga!
De Cádiz a Sevilha,
quantos limõezinhos!
O limoal me conhece pelos suspiros.

Ai, menina, menina, menina,
quanto barco no porto de Málaga!

De Sevilha a Carmona
Não há uma faca sequer.
A meia-lua corta,
E o ar passa ferido.
[...]

Há um poema intitulado “Sevilhanas do século XVIII” (CP673), em que esta cidade é saudada de forma elogiosa, o que é raro na poesia de Lorca. Realmente, aqui, faz-se uma apologia de Sevilha, das sevilhanas e sevilhanos e do rio de Sevilha. É um momento de exceção na poesia de Lorca. Veja-se;

1

Viva Sevilha!
Levam as sevilhanas de mantilha
um leteiro que diz:
Viva Sevilha!

Viva Triana!
Vivam os trianeiros,
os de Triana!
Vivam os sevilhanos e sevilhanas!

2

Trago-o usado.
A Macarena e tudo
trago usado.

Trago-o usado;
cara como atua
nunca encontrei.
A Macarena e tudo
trago usado.

3

Ai, rio de Sevilha,

que bem que pareces,
cheio de velas brancas
e ramas verdes.

Como se observou na leitura da poesia de García Lorca, esse poeta não é um regionalista. Sempre que refere espaços regionais, as cidades espanholas, ou Nova York, seu foco não é o elogio à região, mas essa é o pretexto para falar de seus sentimentos pessoais ou de sua indignação com a sociedade moderna. Portanto a subjetividade e a universalidade predominam em seus poemas.

No livro *Poeta em Nova York*, é enfática a presença da cidade e da multidão, temas típicos do modernismo, que vêm, desde Baudelaire, o qual cultuou o sentimento de pertença ao espaço urbano, em textos poéticos ou teóricos como no “O pintor da vida moderna”³, mas não é esse sentimento positivo que está na poesia de lorquiana, o qual é substituído, primeiro, por uma certa fascinação, depois por uma espécie de repulsa assustadora pela cidade grande. Observe-se o segmento “Ruas e sonhos” (PNY437):

Eu estava no terraço lutando com a lua.
Enxames de janelas esburacavam um músculo da noite.
em meus olhos bebiam as doces vacas dos céus.
E as brisas de longos remos
golpeavam cinzentos cristais da Broadway.
[...]

que já as cobras silvarão pelos últimos andares,
que já as urtigas estremecerão pátios e terraços,
que a Bolsa será uma pirâmide de musgo,
que já virão liamas depois dos fuzis
e muito em breve, muito em breve, muito em breve.
Ai, Wall Street.
[...]

As “cobras” e “urtigas”, “fuzis” parecem ser elementos metafóricos do sentimento de agressão que emana da cidade grande. Também em “Paisagem da multidão que vomita” (PNY439), o sentimento de repulsa é contundente já no título. Observe-se:

³ BAUDELAIRE, em obra referenciada.

[...]
O vômito agitava delicadamente os tambores
entre algumas meninas de sangue
que pediam proteção à lua.
Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim!
Esta olhada minha foi minha, mas já não é minha,
esta olhada que treme nua por causa do álcool
e lança barcos incríveis
pelas anêmonas dos cais.
Defendo-me com esta olhada
que mana das ondas por onde a aurora não se atreve,
eu, poeta, sem braços, perdido
entre a multidão que vomita
sem cavalo efusivo que corte
os espessos musgos de minhas fontes.
[...]

Parece haver aqui um sentimento de despersonalização do emissor⁴, típica do modernismo, quando ele percebe que “esta olhada foi [dele], mas já não é” ele que é “poeta, sem braços, perdido/ entre a multidão que vomita” sem saída, num círculo trágico, que o faz gemer “Ai de mim! Ai de mim! Ai de mim!” E não se apresenta nenhuma solução, alegorizada talvez em “sem cavalo efusivo que corte/ os espessos musgos das [suas] fontes”.

Em “paisagem da multidão que urina” (PNY443) repete-se essa contundente impressão negativa e repulsiva sobre a cidade e sua multidão. Observe-se:

[...]
Tudo está roto pela noite,
aberta de pernas sobre os terraços.
Tudo está roto pelos túbios canos
de uma terrível fonte silenciosa.
Oh, gentes! Oh, mulherzina! Oh, soldados!
Será preciso viajar pelos olhos dos idiotas,
campos livres onde silvam mansas cobras deslumbradas,
paisagens cheias de sepulcros que produzem fraquíssimas maçã
para que venha a luz desmedida
que temem os ricos por trás de suas lupas,
o odor de um só corpo com a dupla vertente de lírio e rata
e para que se queimem estas gentes que podem urinar em redor
de um gemido
ou nos cristais onde se compreendem as ondas nunca repetidas.

⁴ Segundo Friedrich, em obra referenciada, a despersonalização do homem em favor do objeto é forte procedimento da poesia moderna.

Esse parece ser um poema, em que o poeta percebe e expressa a degradação urbana, como se pode ver em “Tudo está roto pela noite” e as “paisagens cheias de sepulcros”, de morte, diferente da vitalidade que poderia ser lida na cidade de Nova York. Também ele critica o capitalismo onde “os ricos” “temem” “por trás de suas lupas” “que venha a luz desmedida”, a qual pode ser traduzida em uma nova possibilidade de libertação e, quem sabe, uma revolução.

O poema “Volta à cidade” (PNY479) lembra muito “Ode triunfal” de Fernando Pessoa, mas longe de ser um elogio à máquina, é uma crítica à sociedade tecnológica e o consumismo agressivo da sociedade moderna. Veja-se:

[...]
 Existem montanhas .Eu sei.
 E os antolhos para a sabedoria.
 Eu o sei. Mas não vim para ver o céu.
 Eu vim para ver o turvo sangue.
 O sangue que leva as máquinas às cataratas
 e o espírito à língua de cobra.
 Todos os dias se matam em Nova York
 quatro milhões de patos,
 cinco milhões de porcos,
 dua mil pombas agonizantes,
 um milhão de vacas,
 um milhão de cordeiros
 e dois milhões de galo,
 que deixam os céus empedaços
 [...]

Veja-se que o emissor do texto sabe das “montanhas” metáforas de possibilidade de vida, mas ele declara que veio “para ver o sangue” conscientemente empenhado em mostrar o lado sórdido da cidade, que de tanto matar “milhões” de “patos”, “porcos”, “pombas”, “vacas”, “cordeiros”, “galos” acaba por “deixar o céu em pedaços”, destruindo a virtual positividade.

Esses os recortes regionais realizados por Lorca, às vezes, para mostrar a telúrica integração do homem com a natureza, raramente para fazer a apologia de uma região, muitas vezes, para projetar, sua

subjetividade e seus sentimentos melancólicos na paisagem, às vezes, para falar de seu amor frustrado. Quando refere a cidade - representada por Nova York- que em nosso entender pode ser considerada uma região⁵, é para indignar-se com o capitalismo e a sociedade de consumo. Esses procedimentos longe de fazer do poeta um regionalista eleva sua poesia ao universal.

⁵ Segundo Pierre Bourdieu, em *O poder simbólico*, a região é um *constructo*. Portanto, qualquer espaço pode ser considerado como um recorte regional.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. Charles Baudelaire: o pintor da vida moderna. Trad. e posfácio de Tereza Cruz. Lisboa: Vega, 1993.

BERTUSSI, Lisana. *Regionalismo e Romantismo no Rio Grande do Sul*, 1991. Tese (Doutorado) PUCRS. Porto Alegre, 1991.

_____. *Tradição, modernidade, regionalidade: a poesia regionalista gauchesca de 1922 a 1932*. Porto Alegre/Caxias do Sul: Ed. Movimento; EDUCS, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 4ª ed. Rio: Bertrand Brasil, 2001.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento: revista Mensal da Cultura*. Rio: Paz e Terra, ano 1, n.1, s/d.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. Trad. Maria M. Curioni. São Paulo: Duas cidades, 1978.

LORCA, Federico García. *Obra poética completa*. Tradução de Agel de Melo. Brasília: Ed. da Unb/ São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST; ICP, 1982.

OLIVEN, Ruben. *A parte e o todo: a diversidade cultural do Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: IEL; Movimento, 1974.

_____. Considerações sobre região e regionalidade. In: FELTES, H.P. e ZILLES, U. *Filosofia: diálogo de horizontes*. Porto Alegre/ Caxias do Sul: EDIPUCRS; EDUCS, 2001.

LISANA TERESINHA BERTUSSI

Doutorado em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Pós-Doutorado em Letras pela PUCRS. Professora do programa de Graduação e Pós-Graduação na Universidade do Caxias do Sul.

Recebido em 31/10/2011

Aceito em 22/11/2011/

BERTUSSI, Lisana Teresinha. Federico García Lorca: da região para o mundo, num percurso alegórico da busca do universo subjetivo. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 157-169, 2011.